



## BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

### PROJETO MEMÓRIA ORAL

#### PAUL SINGER

Hoje, 29 de fevereiro de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do economista e atual secretário de economia solidária do governo federal, professor Paul Singer, para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual, deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

**Daisy Perelmutter:** Bom, professor a gente já começou a conversar um pouquinho sobre essa sua vinda, a chegada ao Brasil, a fuga da Áustria. Eu gostaria que o senhor contasse um pouco, realmente, como foi esse percurso. Como é que a sua mãe conseguiu viabilizar essa saída, se o senhor tiver conhecimento desses detalhes.

**Paul Singer:** Bom, o primeiro fato curioso é o de que eu tomei bruscamente consciência de que era judeu. Eu era muito pequeno, tinha cinco anos. E as criancinhas todas receberam bandeirinhas coloridas para ir saldar as tropas da anexação. Isso é fevereiro de 1938. E aí eu falei com a minha mãe que eu ia também com os meninos. E ela falou: “Você não pode!” - “Por quê? todo mundo está indo” - “Porque você é judeu”. Não me lembro como é que ela conseguiu explicar isso, mas essa cena eu não perdi mais. Mas em seguida... a gente morava... Minha mãe tinha uma espécie de mercearia grande, um mercadinho, na periferia de Viena,

e ela foi obrigada a fechar. Mudamos para o centro, onde outros parentes moravam. E, a partir daquele momento, foi achar alguém que nos acolhesse. Esse era o drama de todos os judeus e outros perseguidos do regime. Quer dizer, todos os países, em função um pouco da crise dos anos 30, tinham fechado a fronteira. E isso, eu acho que hoje os países aprenderam, se faz uma exceção aos perseguidos políticos. Na época não havia.

Então ela conseguiu finalmente o visto ao Brasil, porque uma irmã dela, minha tia, morava aqui desde 1925, tinha família, etc. Eles estavam lutando aqui, evidentemente aqui era fundamental, para conseguir finalmente que esse visto fosse dado. Então recebemos o visto. Primeiro foi a minha avó, na verdade. Minha tia pôde chamar a mãe dela, que era a minha avó. E a minha avó depois conseguiu que a minha mãe, que era filha dela, viesse com o neto, etc. Foi isso.

**DP:** E o senhor lembra da chegada? As imagens que o senhor tem...

**PS:** Lembro, lembro. Foi no dia 24 de março, que é meu aniversário. Foi meu oitavo aniversário. Aí chegamos em Santos. Grande emoção. O navio aportou. Já tínhamos falado muito sobre o Brasil e as idéias eram as mais estapafúrdias. A idéia de que havia macaquinhos em todas as árvores e coisas assim.

**DP:** E logo vocês vieram morar em São Paulo?

**PS:** Sim, onde morava a minha tia, eles nos acolheram muito bem. Praticamente sou paulista.

**DP:** E o senhor chegou a viver dentro do gueto judaico, ou não? Ali no Bom Retiro...

**PS:** Não, a gente morava em Vila Mariana, que é onde os meus tios moravam, primos, etc. A gente continuou morando lá. Eu cheguei a frequentar o Bom Retiro, porque, aos 16 anos, eu me tornei membro do Dror<sup>1</sup>, que era uma organização

---

<sup>1</sup> Movimento juvenil sionista socialista.



juvenil sionista socialista. A sede era na Rua Prates. Então eu frequentei muito o Jardim da Luz, enfim.

**DP:** Isso um pouco mais velho, depois.

**PS:** Isso um pouco mais velho, a partir dos 16 anos.

**DP:** E a formação escolar, professor? O senhor foi alfabetizado em alemão...

**PS:** Sim, quando eu cheguei ao Brasil, eu já estava no segundo ano, e a alfabetização foi para mim uma coisa maravilhosa. Entre outros motivos, porque eu podia ficar o dia inteiro sozinho, enquanto minha mãe estava correndo atrás de algum visto. E eu li muito. Entre, digamos, os sete oito anos, eu acho que eu devorei uma biblioteca inteira.

**DP:** Biblioteca da sua casa, ou não?

**PS:** Acho que as pessoas tinham livros e emprestavam. Eu realmente não me lembro da origem deles, mas era literatura em alemão - mas não de criança, acho que já era bastante de adulto - e me tornei um leitor fanático, a partir dessa idade.

**DP:** E o senhor lembra quais eram os títulos?

**PS:** Realmente não lembro. Ah, lembro! Lembro de um livro que acho que nós trouxemos ao Brasil, que se chamava *Rei Simba*. Era a história de um leão. Tenho a impressão de que depois foi filmado pelo Walt Disney. Esse é um dos livros que eu li.

**DP:** E o grau de dificuldade ou facilidade para o senhor aprender o português, como é que foi?



**PS:** Ah, foi difícil! São duas línguas bastante diferentes. Minha mãe conhecia o italiano, então ela me dava aula um período. Isso eu me lembro bem. Mas ela misturava italiano com português, como era inevitável. Mas eu fui para escola quase que na semana seguinte ao chegar ao Brasil, e foi a escola que me ajudou muito - era obrigado, praticamente, a falar e a entender português. Eu tenho ainda as provas que eu fiz na escola, no fim de 1940, e elas mostram que eu entendia, mas não conseguia escrever direito. O meu português era muito bárbaro.

**DP:** E falar, o senhor conseguia falar com as crianças?

**PS:** Falar, acho que é rápido. Nessa idade, aos oito anos, eu acho que... Não saberia dizer quanto tempo. Depois de alguns meses, eu conseguia me comunicar.

**DP:** Com a sua mãe, o senhor falava em alemão...

**PS:** Ah, sempre, sempre, com os parentes todos, quer dizer, tio, tia. Meu primo falava alemão. Eu tinha um primo um pouco mais velho. Era nascido no Brasil. Ele me ajudou imensamente. Se não fosse ele eu não... porque eu era completamente desconhecido da língua.

**DP:** E o sentimento de melancolia por parte da sua mãe, da sua família. O senhor acha que existia o fato de se sentirem muito desterrados, ou não?

**PS:** Olha, ninguém me perguntou isso antes. Acho que o sentimento mais forte foi de alívio, de ter conseguido fugir daquilo que parecia ser um inferno. Todos os parentes que ficaram, meus avós paternos, etc, devem ter sucumbido. Então... E depois o Brasil é um país encantador. Essa é a minha parte. Então a gente foi muito bem recebido, depois de passar por um inferno antissemita, por dois anos - ninguém se incomodar o mínimo com o que você é, etc. Foi muito encantador. Não sei. Talvez eu esteja atribuindo aos outros os meus sentimentos.

**DP:** E logo o senhor passou a estabelecer uma relação, com o país, muito forte.



**PS:** Muito forte, muito forte.

**DP:** Foi através das escolas, foi através dos colegas?

**PS:** Sim. Eu fiquei amigo dos meus colegas. Freqüentava... Eu me lembro que eu tinha um amigo japonês, ou melhor, brasileiro, nissei, mas de família japonesa. E eu ia estudar na casa dele. Era muito interessante, porque eles também eram estrangeiros, tinham outra cultura. Esse multiculturalismo paulista, particularmente, era muito fascinante. Tínhamos vizinhos negros. Eu fiquei amigo do Joãozinho Gabriel, menino. Freqüentava a casa dele, conhecia as irmãs. Era um deslumbre.

**DP:** E essa circulação pela cidade, o senhor disse que passou a ter, com uns 12 anos.

**PS:** É acho que... Eu realmente não me lembro exatamente. Eu sei que, até uma certa idade, uma empregada ia me levar na escola, porque as escolas eram um pouco longe. Tinha que tomar o bonde, na época. Minha mãe não me deixava ir sozinho e, a partir de alguma idade que eu calculo deve ser entre os 11 e os 12, eu ganhei o passe livre.

**DP:** E quais eram os lugares que o senhor circulava? Como é que o senhor foi constituindo essa geografia afetiva da cidade?

**PS:** Bom, a primeira foi realmente a Biblioteca, quer dizer, aos... provavelmente... Eu era absolutamente fanático por ler, e os livros eram caros, e nós éramos pobres. Na verdade, nós sobrevivemos graças ao trabalho de costureira da minha mãe. Minha mãe era uma costureira, formada em Viena. Era uma boa costureira, mas ganhava muito pouco. Então, ganhar livros e ter livros, era uma coisa maravilhosa, mas não chegava, até que eu descobri a seção circulante da Mário de Andrade. E aí foi uma alegria, sei lá, centenas de livros, etc, então...

**DP:** Isso em 44, por aí?



**PS:** É por aí. E aí eu fui... Quer dizer, uma das coisas que eu fazia sistematicamente era tirar livros, lê-los. Eu me lembro que eu li *Os três Mosqueteiros*. Depois, *Os vinte anos depois*, que é a continuação dos *Os três Mosqueteiros*, eu li durante as férias. Não na seção circulante, porque não tinha, mas na seção principal, ficando na Biblioteca. Eu ficava horas lendo até conseguir acabar de ler. A Biblioteca foi muito importante para mim.

**DP:** O que o senhor lembra em termos de interlocutores? O senhor chegou a conhecer muita gente? O senhor ficou, durante muitos anos, frequentador durante várias gerações. Acabou pegando...

**PS:** Sim, sim. Numa certa altura, eu comecei a conhecer – isso foi mais ou menos no início dos anos 50 – todo um grupo de jovens que fazia ponto na Biblioteca. Alguns deles só vinham mesmo para conversar, outros, quer dizer, um grande amigo meu, que era chamado um dos guardas da estátua – havia uma estátua no saguão – era o Maurício Tragtenberg. Vocês chegaram a tomar depoimento dele? Acho que não, não é?

**DP:** Não, infelizmente não.

**PS:** Ele morreu.

**DP:** Em que ano que ele morreu, professor? Já faz um tempinho, não é?... uns dez anos?

**PS:** Deve ter sido por volta de 99 ou 2000, por aí. Eu me lembro que eu ainda tive um debate marcado com ele - era muito interessado em debater com ele, fazia tempo que a gente não se via - e ele já não pôde ir, por estar doente e, alguns meses depois, ele faleceu. Nós fomos amigos muito tempo, sobretudo na adolescência.

**DP:** E o senhor conheceu o Maurício na Biblioteca, ou não?



**PS:** Não, eu o conheci quando entrei na vida política, quer dizer, através do Dror. Depois eu fui para o Partido Socialista, que tinha sua sede então na Praça da Sé, e eu acho que foi por aí que eu encontrei o Maurício, que acho que andou pelo partido socialista um pouco, e nos tornamos amigos. Mas aí, enfim, como ele frequentava a Biblioteca também como lugar de encontro, eu acabei conhecendo, através dele, outras pessoas, também. Mas eu vinha realmente para ler, era o que me interessava.

**DP:** E o senhor era um dos mais jovens, quando o senhor passou a freqüentar. O senhor lembra disso? Tinha um público que era de uma faixa mais adulta?

**PS:** Provavelmente...

**DP:** O senhor era bastante jovem, não é?

**PS:** É, é, era sim, você tem toda razão, eu era, mas eu acho que, no início, totalmente sozinho, não conhecia ninguém - fui aí, fui bem acolhido, era pública, gratuita, eu podia entrar. Não podia ver os livros na parte principal, até hoje é assim, né? Não tinha acesso aos livros, teria sido uma alegria se tivesse, mas a gente ia, então, no fichário - pedia o livro, o livro vinha - pedia logo uns três para, enfim... Porque depois eu passei a fazer pesquisa, quer dizer, até os 16 anos, digamos, eu lia principalmente literatura - era a minha paixão - mas depois disso, o que me interessava era realmente Rosa Luxemburgo, Lenin, Trotsky.

**DP:** Com que idade o senhor começou já a ser introduzido...?

**PS:** Por volta dos... Foi quando eu comecei a frequentar o partido socialista, também, foi a época que eu entrei no Dror, foi aos 16 - o meu despertar político foi em 48.

**DP:** E o senhor lia tudo em alemão ou português?



**PS:** Não, tudo em português, posso ter lido alguma coisa em alemão, porque eu conhecia, mas devia ser muito pouco, quase tudo em português.

**DP:** Professor, e essa sua militância? Porque o senhor começa muito jovem. Então o Dror e o Partido Socialista foram praticamente simultâneos, é isso?

**PS:** Foram, quer dizer, quando eu entrei no Dror eu era um menino que ficava no partido – tem a ver com leitura. Junto à porta, eu me lembro que havia um pequeno corredor, depois havia salas, havia uma pilha, literalmente, deste tamanho, de publicações, que chegavam ao Partido Socialista, do mundo inteiro. Havia contatos e eles recebiam e ficava amontoado aquilo, pouca gente se interessava. E eu tinha uma alegria, eu ficava mexendo com aquilo, algumas vezes eu levava embora. Nessa época, eu estava começando a ler em inglês, também, veio uma literatura dos Estados Unidos que foi muito importante para a minha formação político-ideológica - *Labour-Action*, chamava-se o jornal, quer dizer, a sede do Partido Socialista foi uma espécie de sucursal da Biblioteca Municipal para mim, mas também assistia cursos e debates. Daí depois eu entrei no Dror, já, e o Dror, como um todo, apoiava o Partido Socialista, nas eleições, porque éramos praticamente da mesma... de grande afinidade ideológica, no que se referia ao socialismo.

**DP:** E nessa época que o senhor começou a trabalhar, o senhor fez o curso técnico, não é isso?

**PS:** Fiz, fiz. Isso mesmo.

**DP:** Que terminou com 17 anos, por aí?

**PS:** Não, não, não. Eu entrei em... eu terminei em 52 e eram quatro anos, portanto, eu entrei em 49 - foi isso, de 49 a 52, três anos - na escola técnica Getúlio Vargas.

**DP:** E foi uma experiência importante para o senhor?





**PS:** Foi, foi interessante, porque dessa vez eu tive como colegas, vamos dizer, meninos de origem proletária - iam para escola técnica. Um grande amigo meu lá era um menino japonês, que era filho de um marceneiro. Era muito inteligente, acabou fazendo a politécnica e tornou-se professor de engenharia, depois. Mas, foi interessante, foi bem interessante fazer a escola técnica, inclusive a parte de trabalho manual. A tarde inteira, ficávamos em oficina e eu nunca tinha mexido com máquinas, aprendi a tornear. Foi interessante.

**DP:** E logo depois o senhor começou a trabalhar como metalúrgico, é isso?

**PS:** Isso, isso. Eu me formei em 52, consegui um emprego na Elevadores Atlas. E aí comecei a trabalhar como inspetor do material elétrico dos elevadores. Essa era minha função, eu fazia parte do laboratório elétrico. Era enorme a empresa, tinha 3500 pessoas trabalhando, era a maior fábrica de elevadores da América Latina - e aí, entrei no sindicato.

**DP:** Então, aí o senhor lidera a tal da greve de 1953, que foi uma greve...

**PS:** Não sozinho. Na verdade, tinha muita gente liderando, mas eu era um deles.

**DP:** Não sozinho, certamente, mas um dos líderes. O que nos impressiona é o tamanho da greve, o número de categorias que foram envolvidas e o tempo de duração. Queria que o senhor falasse um pouquinho sobre o que aconteceu em 1953.

**PS:** A conjuntura era ainda a saída da ditadura do Estado Novo, que aconteceu em 45. Houve em 45 uma explosão de liberdade e júbilo, a libertação de Prestes, enfim, e, logo em seguida, um fechamento. Quer dizer, em 48, os sindicatos sofreram todos a intervenção, e esses interventores eram geralmente, além de muito reacionários, corruptos, muitos pelegos. Em 1950, Getúlio Vargas é eleito e, com o Getúlio, há uma lenta e segura liberação dos sindicatos e foi nesse momento que eu entrei no sindicalismo. Nós tínhamos acabado de ganhar a diretoria. Pela primeira vez foi



eleita uma diretoria de oposição, era o Remo Forli, no caso dos metalúrgicos, mas aconteceu em outros sindicatos. A greve se explica por essa conjuntura, pela primeira vez aí, depois de cinco anos, os sindicatos paulistas tiveram diretorias de oposição, mais de esquerda, eleitas. Então iniciamos uma negociação. O grande objetivo era obter um aumento de salário idêntico ao aumento do custo de vida no ano anterior, que eu me lembro que era de 32 por cento, e os patrões não estavam nem um pouco acostumados a negociar com os seus empregados. Então a negociação gorou desde o início, eles não fizeram nenhuma contra-proposta. Aí a gente se reuniu, deu um ultimato, etc, formamos os piquetes - tudo aprendizado da minha parte, nunca tinha participado nem de greve, nem de coisa nenhuma. E depois o governo do estado nos cedeu um estádio de futebol chamado Estádio da Mooca, para a gente concentrar, porque eram dezenas de milhares de grevistas. Se não houvesse lugar para reunir, teria que reunir em praça pública. E isso eu me lembro bem, quer dizer, passei quarenta dias frequentando diariamente o estádio e falando pelo microfone, animando os grevistas, tomando depoimentos.

**DP:** O senhor era bastante jovem também, como líder...

**PS:** Eu tinha 21 anos. É, é isso mesmo...

Mas havia outros. Eu me lembro que veio um menino – que acho que devia ter 15, 16 anos - liderando um grupo de crianças, praticamente. Estavam entrando na greve. Só via crianças naquele... devia ser uma oficina, uma coisa pequena. Eu passei o microfone para ele. São lembranças. Mas foi muito emocionante para mim. Passei de repente de uma coisa que era uma coisa teórica... Porque no Dror era uma coisa mais familiar, etc. Não havia luta, havia uma coisa mais ideológica, mais de estudo, de...

**DP:** Quem eram as pessoas que o senhor lembra que foram os seus companheiros de Dror naquele período?



**PS:** Lembro muito, lembro muito. Uma parte deles ficou no Brasil - o professor Gabriel Bolaffi, você conhece? - lá da faculdade de arquitetura, era um dos membros do Dror - Anna Verônica Mautner...

**DP:** A Ana esteve conosco. Ana Verônica.

**PS:** Ela também esteve no... Enfim, uma parte de nós não foi para Israel, uma outra parte grande foi.

Aliás, por falar nisso, ontem eu recebi uma notícia de que o pessoal que foi do Dror, que está em Israel, resolveu fazer uma publicação em celebração dos 60 anos do Dror. O tempo passa, né?

**DP:** Passa...

**PS:** E aí eles me comunicaram. E eu sou um dos personagens dessa história – eu acabei secretário-geral do Dror. E, muitos anos mais tarde, não me lembro quando, eu dei um depoimento – *Lembranças de um velho Droris*. O Dror foi extremamente importante na minha formação também, e eles me pediram autorização para colocar na coletânea. Obviamente eu dei. Enfim, vai ser interessante. Tem um grupo de brasileiros ainda sobreviventes em Israel.

**DP:** E no caso da greve, falando em personagens, tem alguns líderes que depois se projetaram como grandes líderes...

**PS:** Sim, sim, vários, vários. Antonio Chamorro era talvez a liderança mais expressiva. E era um homem muito inteligente, era do Partido Comunista. Era tecelão. Era o líder. Em cada sindicato, tinha um presidente, mas tinha um líder. Como era politicamente queimado, por assim dizer, porque era um membro do Partido Comunista, ele não concorria diretamente à presidência.

O Chamorro foi um, o Chemp, que é um ex-jogador de futebol, descendente de russos, Eugênio Chemp, eu me lembro dele. Era o correspondente no meu



sindicato, no sindicato dos metalúrgicos. Mas o Remo Forli tornou-se também muito amigo da gente, depois entrou no Partido Socialista também.

Na verdade, como depois disso eu fui várias vezes entrevistado para falar sobre a greve, então eu estou sendo influenciado também pelo que eu li depois sobre a greve. Mas eu tenho um grande número de amigos - o pessoal da Atlas, onde depois fui membro... Fui eleito para uma comissão de fábrica que os próprios patrões pediram que fosse eleita para manter uma negociação. Eles aprenderam e acharam que tinha que ter um grupo de representantes dos trabalhadores para negociar mensalmente os problemas. Foi uma experiência magnífica para mim também.

**DP:** E durante esse período, professor, o senhor conseguia manter essa regularidade da vida intelectual, dos estudos? Durante esses anos que o senhor começou a ter uma militância?

**PS:** Foi difícil, naturalmente. Quando eu fui sindicalista e simultaneamente militante do Partido Socialista, eu tinha muito pouco tempo. Era uma das minhas grandes frustrações e a única coisa que eu queria era ter tempo para poder ler e escrever. Eu queria escrever também. Nisso eu já estava escrevendo para a *Folha Socialista* e para vários lugares também. Eu comecei a escrever relativamente cedo também. No Dror também eu escrevi bastante.

Então a grande dúvida era o que fazer: se era ir para a universidade ou não. E eu tinha enormes preconceitos. Eu achava a universidade uma coisa burguesa, dominada por um pensamento relativamente conservador. E eu era da classe operária. O que tinha era participar da luta, mesmo. Um pouco o sonho naquela altura era ser uma espécie de Trotsky, um intelectual profissional, um profissional do movimento de esquerda, etc. Mas depois me convenci que esse tipo de coisa... pelo menos o Partido Socialista não tinha condições de profissionalizar ninguém. Hoje eu digo graças a Deus. Não acho que era uma boa opção aquela.

E aí fui para a universidade. Então em 56, já mais velho, uns 24 anos, eu me tornei aluno de economia.



**DP:** Professor, só voltar um pouquinho. Até porque o senhor fala que esteve na Biblioteca por muitos anos, que pega justamente esse período em que o senhor ainda é um aluno de primeiro grau. E depois isso vai acompanhando. Eu queria só que o senhor falasse um pouquinho desse período quando o senhor já está militando, quando o senhor já está no Dror, quando o senhor já está... e que antecede a sua ida para a universidade. O que o senhor lembra desse período?

**PS:** Ah, muita coisa. Para começar, esse acesso, na circulante, de livros políticos. A circulante não era uma biblioteca circulante só de literatura. Como é que esses livros foram para lá, sinceramente eu não saberia dizer. Mas, por exemplo, um livro que teve muita influência na minha formação foi *Reforma ou Revolução* da Rosa Luxemburgo. Esse é um dos que eu me lembro nitidamente que eu tirei da Biblioteca, li, devolvi, etc. Acho que *Minha Vida* de Trotsky. Têm, no mínimo eu diria, algumas dezenas de livros que eu li entre os 16 e os 24 anos e que tiveram... Mas a partir de uma certa idade eu comecei a ser uma liderança política na cidade e as pessoas me davam livros, as pessoas viajavam, enfim. E aí eu comecei ler em alemão também. E aí o meu acesso à literatura já não estava mais tão limitado à Biblioteca.

Mas eu acho que eu nunca me desliguei dela. A última, digamos, ligação mais intensa com a Biblioteca foi depois do golpe militar. O Partido Socialista, em 65 – eu era secretário-geral do partido aqui em São Paulo – ele foi dissolvido, como todos os partidos. Houve o Ato Institucional número 2, os partidos foram todos dissolvidos. Criaram-se o Arena e MDB. E aí nós criamos o Centro de Estudos João Mangabeira. E, para estrear esse centro – naquele momento a esquerda estava toda muito comprimida pela derrota e pela repressão, era uma coisa quase de frente única – a gente organizou um curso na Biblioteca que foi muito interessante. Colocamos uma série de problemáticas, desde o problema de raça, de religião. Era um curso cultural, mas com fundo político, evidentemente.

**DP:** Isso foi em 64.

**PS:** Não, isso foi 65.



**DP:** O senhor lembra quem eram as outras pessoas que ajudaram a organizar o curso, ou não?

**PS:** Não. No momento realmente eu não me lembro.

**DP:** Isso é importante para a gente.

**PS:** Eram evidentemente os meus companheiros que tinham sido do Partido Socialista. Mas eu acho que gente de outros setores. Porque aí houve uma fragmentação enorme do Partido Comunista, que era na verdade a força de esquerda maior que havia. Mas ele se dividiu completamente em muitas frações. Algumas foram para a luta armada depois. Mas só partir de 68 começou a luta armada. Então nesse *interregnum* houve um momento de relativo relaxamento da repressão. Então era possível, por exemplo, dar um curso até mesmo na Biblioteca Municipal, que era obviamente de gente de esquerda.

Agora realmente, eu não me lembro. Acho que o Florestan Fernandes deve ter sido uma das pessoas que nós convidamos para falar e falou.

Aliás, estou pensando melhor: deve ter sido 66. Porque em 66 eu fui para os Estados Unidos. Passei um ano estudando em Princeton. E eu me lembro que o curso terminou e quase que em seguida eu embarquei. E aí perdi o contato.

**DP:** Esse dado é interessante até para a gente tentar procurar nos jornais da época, inclusive o impacto que teve esse curso. O nome do curso o senhor não lembra?

**PS:** Não me lembro.

**DP:** Em 66. A gente vai tentar...

**PS:** Deve ter sido no primeiro semestre... Eu embarquei para os Estados Unidos em setembro de 66. O curso deve ter sido, digamos, dado ou no fim do primeiro semestre, sei lá, entre maio, junho, julho, ou no começo do segundo semestre.



**DP:** Tinha público professor?

**PS:** Tinha, tinha.

**DP:** Tinha bastante gente?

**PS:** Tinha bastante gente. As pessoas estavam procurando, inclusive, lugares para aprender, para ter troca de ideias. Lembro-me que nós fizemos um programa bem variado em que a gente procurava tocar nos problemas sociais do país. E trazer com esses problemas sociais também... Por exemplo, eu me lembro da religião. Nós conseguimos trazer lideranças da igreja católica, algumas lideranças também protestantes. Tudo gente progressista.

**DP:** E professor, nesta época o senhor já estava dando aula na USP<sup>2</sup>? O senhor teve essa...

**PS:** Não, não... Ah, sim! desculpe. A situação é exatamente essa: eu me tornei professor em 60 e em 64 eu fui praticamente forçado a me demitir da USP, mas continuei dando aula no que hoje seria a UNESP<sup>3</sup>, que eram faculdades isoladas. Eu dei aula em Araraquara e em Rio Claro. Tinha dois cursos. E trabalhei na *Hidroservice*, do... como é que ele chama?

**DP:** Do Maksoud?

**PS:** Do Maksoud, exatamente.

E, em 66, eu fui chamado de volta à USP, mas pela Faculdade de Higiene e Saúde Pública, e foi em função dessa minha volta à universidade. Aí, deixei a *Hidroservice* para criar um centro de estudos da dinâmica populacional, com dinheiro da Organização Mundial da Saúde, que todos nós recebemos bolsa para estudar demografia nos Estados Unidos, porque não havia estudo de demografia no

---

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo

<sup>3</sup> Universidade do Estado de São Paulo



Brasil. E eu acabei indo a Princeton porque era economista – era um grupo multidisciplinar – desse centro. Então a trajetória foi essa: eu fiquei um ano nos Estados Unidos, o que também foi extremamente interessante, e voltei em 67. Imediatamente voltei à atividade política e, em 69, fui aposentado pelo AI-5.

**DP:** Vou voltar um pouquinho, professor. A sua experiência universitária, como o senhor disse que o senhor tinha muito preconceito de seguir uma carreira acadêmica, fazer a universidade...

**PS:** Isso mudou quando...

**DP:** Mudou?

**PS:** Mudou, mudou... Eu me convenci de que... Depois que eu entrei para estudar, a única coisa que eu queria era ficar na universidade, coisa que eu consegui. Eu me tornei uma pessoa muito feliz, porque na universidade você tem uma enorme autonomia. Você dá os cursos que acha que deve dar e, desde que você não se antagonize com os alunos nem com os colegas, ninguém te incomoda, antes pelo contrário, você tem tempo para pesquisar. Depois, eu consegui ficar em tempo integral, enfim, foi extremamente bom. Depois eu comecei a estudar *O Capital*, junto com o Fernando Henrique, Giannotti, Otávio Ianni, todo um grupo de pessoas das quais eu me tornei extremamente amigo.

**DP:** Como é que o senhor conheceu esse grupo?

**PS:** Através do Fernando Novais. Fernando Novais era professor de História na Faculdade de Economia e ele foi um dos que começou esse grupo. Enfim, eles tiveram uma única reunião. Foi convocada pelo Giannotti, que tinha acabado de voltar da França. E eles, então, estavam formando o grupo e faltava um economista. E aí o Giannotti disse: “Eu tenho um aluno”... O Giannotti não, o Fernando Novais... “um aluno assim que parece que é autodidata e de marxismo ele deve entender“. E, de fato, eu tinha estudado muita economia marxista. Ele me convidou – eu não





conhecia nenhum deles, só o Novais. A reunião foi na casa do Fernando Henrique. Ele morava no Brooklin naquela época. Aí eu conheci o Fernando Henrique, a Ruth, o Otávio Ianni. Enfim, isso foi em 58.

**DP:** Eu queria que o senhor falasse um pouco: parece que para todas as pessoas que integraram esse grupo de leituras do *Capital* é uma referência marcante.

**PS:** Isso. A palavra é “marcante”. Você tem toda razão.

**DP:** Eu queria que o senhor falasse um pouquinho, como é que era, como que se estruturava esse núcleo, se tinha regularidade, quais eram os textos que vocês, enfim...

**PS:** Sim, a proposta inicial que o Giannotti trouxe – suponho que ele deve ter visto grupos assim talvez na Europa, mas eu não me lembro precisamente se era isso, mas ele trouxe essa proposta. *O Capital* não é uma obra que é só de economia, é de filosofia, é de história, então termos um grupo multidisciplinar estudando *O Capital* vai ser uma coisa boa para todos nós. E era. Ele estava cem por cento certo. E todos nós nos apaixonamos pela proposta desde então.

O grupo funcionava assim: a gente se reunia quinzenalmente, em geral aos sábados, nas nossas casas. Durante algum tempo nós ficamos só na casa do Fernando Henrique. Depois ficou pesado para ele, também porque acabávamos jantando lá. Aí a gente fez uma ordem alfabética e cada vez era na casa de um.

Mas foi interessante porque a gente marcava capítulos para ler, todo mundo lia em línguas diferentes. Eu lia em alemão, o Giannotti também, outro lia em espanhol, porque acho que em português não tínhamos *O Capital* naquele momento. E havia uma discussão, eu diria, muito interessante, particularmente o Giannotti, porque os filósofos têm toda uma disciplina de leitura de textos. Eu diria que é uma leitura muito vagarosa e profunda em que eles procuram até, pela sintaxe e pela repetição dos vocábulos, interpretar a estrutura do pensamento, etc. Coisa que economista não faz, nem sociólogo, etc. Nós aprendemos isso com ele. Mas todos nós tínhamos, enfim – o Fernando Henrique já era professor. O único não-

professor era eu. Eu estava ainda estudando, porque eu comecei mais tarde, mas foi fascinante. Nós mantivemos até o golpe. Quer dizer, durante seis anos aquilo foi uma atividade contínua. Lemos *O Capital* inteiro, depois Hilferding, Keynes, Max Weber.

Mesmo depois do golpe, o Fernando Henrique foi ameaçado de detenção. Acabou preferindo ir para o exterior, foi para o Chile, e a Ruth ficou aqui por um período. Ainda me lembro que continuamos fazendo algumas reuniões. Insistimos, apesar das circunstâncias, mas depois acabou, por volta, suponho eu, 65, alguma coisa assim. Quer dizer, foi uma experiência de sete anos que depois teve uma continuidade em 69 quando nós fomos aposentados. Todos nós fomos aposentados, o Fernando Henrique, o Giannotti, e nós criamos o CEBRAP<sup>4</sup>, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Então era a mesma “patota”, se você quiser, acrescido de outros intelectuais que não estavam participando do grupo do *O Capital*. E o CEBRAP foi muito bom para nós.

**DP:** Professor, a D. Ruth era a única mulher que integrava o grupo, ou tinha mais?

**PS:** Eu acho que era. Posso estar fazendo alguma injustiça agora. Mas não éramos muitos. O grupo inteiro variava, alguns vinham mais, outros... Tinha gente que entrava. Eu trouxe vários. Eu trouxe Juarez Brandão Lopes, com o qual eu trabalhava na Faculdade de Economia, e eu trouxe o Sebastião Advíncula da Cunha, que era um economista não-acadêmico, que trabalhava em planejamento, e era ótimo também. Não queria ser o único economista do grupo, era muita responsabilidade.

Mas houve pessoas que passaram pelo grupo. Várias ficavam um ano, seis meses, alguns ficavam uma, duas reuniões apenas. E houve um grupo de alunos que veio. Mas já estava atrasado, já tínhamos trabalhado alguns anos juntos, daí é difícil entrar. E aí eles formavam outro grupo. O Grupo do Michel Löwy, não sei se você... o Gabriel Bolaffi, o Lefort... Era uma geração poucos anos mais jovem, mas, nesse momento, distinta.

---

<sup>4</sup> Centro brasileiro de análise e planejamento.



**DP:** Mas uma coisa que realmente nos chama a atenção é que já havia essa dinâmica muito interdisciplinar que vocês estabeleceram muito antes de isso se tornar uma referência de conhecimento.

**PS:** É verdade.

**DP:** E uma coisa que eu gostaria de saber é se as divergências eram muito grandes na maneira de ler, se isso aparecia lá naquele momento.

**PS:** Divergência, vamos dizer, ideológicas, quase não havia. O grupo era homogeneamente de esquerda e muito tendente ao marxismo, vamos chamar assim. Agora, eu tinha uma ignorância enorme de sociologia. Nunca tinha lido. E isso me ficou claro quando eu entrei no grupo. Em compensação, os outros, de economia, não entendiam nada. Essa especialização é uma coisa muito alienante, isso eu percebi na época. E eu até hoje estou convencido de que foi maravilhoso para mim ter começado a ler autores de sociologia, de antropologia, de história, enfim, de uma série de outros ramos das ciências humanas, que enriqueceram amplamente a minha maneira de ver o mundo. E acho que a mesma coisa aconteceu com todos os outros. Foi muito bom. Foi uma experiência de libertação.

**DP:** E quando o senhor sai da universidade, enfim... O senhor sai a primeira vez, daí vai para Princeton, volta, e logo depois é exonerado.

**PS:** Isso. Dois anos depois nós somos aposentados, em abril de 69.

**DP:** E o que fez o senhor não sair do país? Porque parece que o senhor já escreveu em vários artigos que muitas pessoas resolveram sair, diante da impossibilidade de...

**PS:** Nós tivemos todos convites. O regime militar foi muito seletivo nas aposentadorias. Eles não tinham critério nenhum. Está bom, eu tinha uma atividade política ativa, mas, depois que fechou o Partido Socialista, eu fiquei numa atividade



mais intelectual também. Mas eu acho que eles nos escolheram pela influência que a gente tinha. Eles resolveram cortar as cabeças, por assim dizer. Então Florestan Fernandes; na medicina, na arquitetura, eram os professores mais prestigiosos. Era quase que um galardão ter sido aposentado. E eu sei que teve gente que não foi aposentada e ficou chateada por não ter sido.

E a gente manteve um contato intensíssimo com a universidade, embora fora. Embora no CEBRAP. Eu acho que nós tivemos mais influência na universidade estando fora do que dentro, porque o CEBRAP tornou-se um celeiro de material analítico, muito objetivo, por causa da censura, escrevíamos... como é que chamava um jornal que o Gasparian criou?

**DP:** Era o *Movimento* e o *Opinião*?

**PS:** Não, antes do *Movimento*, *Opinião*. O *Opinião* era lido fanaticamente por todo mundo porque de muito boa qualidade e era o único num nível desses. Todos nós escrevíamos muito. Se vocês tiverem a coleção – certamente a Biblioteca tem – aquilo é uma literatura que vale a pena. Olha, aquilo foi uma coisa muito boa. Foi a nossa maneira...

**DP:** O senhor cita, numa entrevista antiga do senhor, uma coisa interessante: que durante esse período que vocês escreviam no *Opinião* e depois no *Movimento*, em função da censura, do cerceamento da censura, vocês escreviam de uma maneira muito simples e sem jargão. E que depois que a censura afrouxou, que aí começaram uns textos herméticos. E eu acho interessante essa colocação do senhor. Se o senhor puder comentar como que eram esses textos...

**PS:** Veja, a censura também não entendia muito, tá certo? Então se você escrevia usando “burguesia”, “proletariado”, não sei o quê, então era certo que seria cortado. Isso a gente aprendeu, porque eles não cortavam o texto inteiro. Eles cortavam os trechos que eles consideravam subversivos.

Eu me lembro que houve um texto que eu escrevi, acho que era sobre o movimento camponês, para o *Movimento*, já. Daí eles apresentaram o texto à



censura, enfim, e a censura cortou umas coisas. Aí eles mesmos substituíram, o que a censura cortou, com palavras um pouco diferentes. Voltou a ser cortado. Foi tão cortado, virou tão Frankenstein, que, em vez de colocar o meu nome, colocaram o de uma outra máquina de costura, não me lembro qual era.

Era um diálogo e, simultaneamente, uma disputa com a censura e nos ensinou a ser muito sóbrios. Então a gente escrevia realmente, tentando dizer o que precisava ser dito, sem todas as paixões ideológicas, sem os adjetivos, etc. Saíam textos, eu diria, mais efetivos, porque os fatos é que são importantes e não os seus comentários, e isso ficou. Acho que alguns de nós, mesmo depois da censura, tendo sido eliminada em 78 – e ainda a ditadura teve seis anos, não é? – nós... eu pelo menos acho que nunca mais voltei a escrever do jeito que era antes do golpe militar. Eu continuei mantendo uma certa objetividade, de caso pensado, porque eu era mais, digamos, eficiente em relação aos leitores.

**DP:** E, como professor, essa preocupação já existia, no sentido de ser mais transparente, mais simples na maneira da sua oratória?

**PS:** Sim, eu trabalhei, num certo momento da minha vida, na Contadoria Geral de Transportes, que era um órgão das ferrovias e, como técnico, uma das minhas funções era escrever instruções para os agentes que faziam as tarifas, que faziam os fretes. E eu tinha um chefe muito bom e ele censurava o que eu escrevia, porque ele tinha certeza de que os agentes não iam entender. Eu aprendi muito com ele. Quer dizer, você precisa se colocar na posição do outro para poder ser entendido. E eu mudei a minha vida em função disso. Uma grande parte dos meus livros, eu escrevi exatamente para o público leigo e, mesmo na universidade, eu me tornei uma espécie de professor de economia para os não-economistas. Eu participei de bancas em Geografia, em arquitetura, no que você pode imaginar. E eu estou muito feliz com isso. Isso é bom para mim.

**DP:** E, com relação a esse processo de endurecimento do regime, eu queria que o senhor nos contasse: o senhor, pessoalmente, conseguia visualizar quando o regime foi endurecendo? Quer dizer, essa percepção de que as coisas estavam



cada vez mais difíceis e não-arejadas era visível por parte de um grupo como o do senhor, que eram pessoas muito esclarecidas, muito engajadas?

**PS:** Sim, eu me lembro, por exemplo, quando o Gasparian lançou o *Opinião* – isso foi em 72 – acho que houve um coquetel ou alguma coisa assim. Eu estava lá também e várias pessoas chegavam dizendo que ele estava completamente louco, que isso não iria ser permitido, que não sei o quê, enfim. Havia muito medo. Aquele momento era o Médici, e o *Opinião* teve uma enorme função. Persistiu. Apesar da censura e tudo o mais, persistiu e foi bom.

Depois o Fernando Henrique e o Gasparian e um outro grupo lançou uma revista também. Acho que chamava *Argumento*, se eu não me engano. Teve dois números só, e aí a censura realmente cortou. Essa eles cortaram. Enfim, era uma luta. Era preciso ter alguma fé e muita ousadia.

Depois, na abertura com o Geisel, o CEBRAP foi severamente atingido pela repressão. Aí já não havia luta armada, não havia nada: era a luta contra o Geisel. Eles mataram uma grande parte do comitê central do Partido Comunista, que nunca tinha entrado em luta armada. Prenderam e mataram. Eram provocações. E eu fui preso junto com o Vinícius Caldeira Brant. Junto não, porque cada um foi recolhido na sua casa, nos meteram um capuz na cabeça, sem olhos, para a gente nem saber.

**DP:** Em que ano foi isso?

**PS:** Foi em 74. Foi um episódio. Um companheiro que tinha trabalhado no CEBRAP, depois saiu, terminou o trabalho, qualquer coisa. E ele foi estudar na Escócia e ele quis trabalhar sobre, digamos, a atividade de resistência dele mesmo com um grupo no Brasil, na Escócia. Aí ele desenterrou – literalmente desenterrou – toda uma série de publicações que ele tinha enterrado no jardim dele. Fez um embrulho e pediu para um menino, o nosso *boy*, levar para o correio. Ele foi tão desajeitado – porque aquilo estava molhado ainda, então, quando o funcionário recebeu, praticamente abriu. Aí eles viram o que era e chamaram a polícia, e o *boy* foi preso. E o *boy* explicou que ele veio do CEBRAP.



Aí prenderam o autor, que era um professor de política muito amigo. Ele foi bastante torturado.

**DP:** Quem que era, professor?

**PS:** Ele chamava Andrade, morreu há pouco tempo, mas o primeiro nome me escapa. Eu estou péssimo em nome próprios.

E de manhã, de madrugada, me prenderam em casa e o Vinícius foi preso – o que eu só vi depois. O Vinícius foi muito torturado naquela noite, eu ouvi os gritos dele. Eu não fui por um triz.

Escolheram nós dois por motivos que até hoje eu não sei quais são exatamente, a não ser que os dois éramos militantes. O Vinícius tinha sido preso. Ele ficou preso acho que vários anos, porque ele realmente tinha participado da resistência armada, ao contrário de mim. Nós ficamos uma semana presos na OBAN<sup>5</sup>. Foi só isso, mas foi uma experiência e tanto.

Esse foi o pior momento da repressão no CEBRAP, porque a chamada “linha dura” não queria nos soltar. Houve interferência junto ao Geisel – um ministro dele era amigo da gente. O senhor Severo Gomes falou direto com o presidente. O cardeal se envolveu, etc., e eles foram obrigados a nos soltar. Mas aí eles exigiram que o CEBRAP inteiro – isso era umas 30 pessoas – prestassem depoimento na OBAN, em seguida, em grupos de dois ou três, todo dia. Aí, durante umas duas semanas, o Centro parou. Não tinha condições de trabalhar. Ficávamos esperando a chegada do pessoal da OBAN. A gente ouvia o que tinha sido perguntado... Não tinha nada de sério contra nós. Eu acho que eles tinham certeza que nós não estávamos fazendo luta armada. Eles procuravam conexões internacionais, enfim, alguma coisa. Mas era um momento em que a linha dura, desesperada com a abertura que o Geisel estava conduzindo, procurava algum pretexto. Eles queriam provocar alguma coisa. Aí, se alguém colocasse alguma bomba... Aliás, colocaram uma bomba no CEBRAP. Explodiu num fim de semana. Enfim, isso foi uma conjuntura. A pior conjuntura foi em 74.

---

<sup>5</sup> Operação Bandeirante – centro de informação, investigação e tortura montado pelo Governo Militar brasileiro em 1969.



**DP:** Então, de 68 até 74 a produtividade do CEBRAP foi muito grande.

**PS:** O CEBRAP foi em 69, foi depois da aposentadoria. A gente foi aposentado, conseguiu o apoio da Fundação Ford e criou o CEBRAP. Isso foi em 69. De 69 até 74, até esse episódio, a vida estava normal. Era uma instituição de pesquisa. Efetivamente vivíamos das pesquisas que fazíamos, mas a gente dava muito curso também.

O momento mais emocionante talvez tenha sido o seguinte: foi quando Dom Paulo Evaristo Arns se torna cardeal arcebispo em São Paulo. Ninguém sabia quem ele era, mas era um homem de enorme caráter, profunda coragem moral. E aí entramos em contato. Tínhamos reuniões semanais com ele. Nós éramos uma espécie de assessoria de ciências sociais. E ele nos contava muitas coisas. Quer dizer, participamos da resistência civil desarmada à ditadura. E foi o momento em que se criaram as comunidades de base. Eu diria que o Brasil de hoje nasce nesse... nessa... Foi uma coisa maravilhosa, as comunidades de base. Aí o povo entendeu que poderia ter alguma... não precisava ficar em casa com medo, ficar isolado, etc. Surgiram todos os movimentos sociais a partir daí, os atuais movimentos sociais.

**DP:** E a repercussão desses cursos de formação todos do CEBRAP era grande, professor? Quem que era o público que frequentava? Não eram necessariamente universitários?

**PS:** Não, não. O que havia de universitário é um programa que agora foi encerrado pelo governo federal. Foi o Giannotti que criou, para alguns alunos, uma elite, assim, alguns poucos alunos de pós-graduação, bolsistas que ficavam, enquanto faziam pós-graduação, fazendo uma espécie de complementação de estudos no CEBRAP e depois faziam um trabalho, etc. Era uma coisa muito boa.

Os cursos que eu dava eram diretamente ligados ao movimento. Então era gente ligada às comunidades de base. Lembro-me que a gente começou a dar um curso sobre o movimento negro e, de repente, descobrimos que havia uma intelectualidade negra muito interessante, que nunca imaginei: físicos, matemáticos.





e gente muito inteligente. Demos sobre feminismo, enfim, os movimentos sociais todos que estavam começando na década de 70 a se organizar, a gente tinha muito dado para apresentar para eles. Eu trabalhava economia brasileira, incessantemente, mas havia, enfim... Então a gente dava um curso multidisciplinar, informal, se você quiser, às lideranças dos movimentos sociais, sindicalistas, isso foi uma coisa que a gente fez.

**DP:** E o seu contato com o professor Florestan começa... porque, enfim, eu sei que foi muito importante, que ele acabou sendo o seu orientador, é isso?

**PS:** Sim, sim.

**DP:** De doutorado, não é?

**PS:** Sim, foi meu orientador. Isso ainda – agora vamos voltar o relógio para trás – isso foi enquanto eu era professor na Faculdade de Economia da USP e eu tinha meus amigos do grupo do *O Capital*, nós estávamos lendo – o Florestan não participou desse grupo, mas os assistentes dele, todos – e ele tinha um recurso do CESIT<sup>6</sup>, que ele criou. Ele criou um Centro de Sociologia Industrial do Trabalho e ele queria, na verdade, entender as desigualdades regionais no país. A hipótese dele é que as causas não eram propriamente econômicas, ou principalmente econômicas. Elas poderiam ser de outra natureza: sociais e qualquer coisa... Então ele pediu um economista para estudar exatamente os aspectos econômicos, para poder eliminá-los e dizer: “Esses já conheço, agora vamos ver os outros”. E eu fui recomendado. Não o conhecia, então eu me apresentei a ele. Ele fez um contrato profissional. Eu ganhei e trabalhei durante três anos, estudando cinco cidades brasileiras, que ele escolheu - foi São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. Foram muito bem escolhidas, são áreas diferentes, casos diferentes e eu fiz esse estudo ao longo de três anos, ao lado de todo o meu trabalho na universidade. Eu visitei as cidades, levantei dados, fui às bibliotecas. Geralmente me recebiam extremamente bem. Quando eu entreguei o último capítulo, que era sobre Recife, ele olhou – ele

---

<sup>6</sup> Centro de sociologia industrial e do trabalho



estava satisfeito com o trabalho que fiz – e disse: “Olha, Singer, isso podia dar uma tese”. Então foi ele que me convidou e eu obviamente aceitei. Eu achava maravilhoso tê-lo como orientador.

**DP:** Como que ele era como pessoa, professor? Ele é um ícone, um mito. O professor Florestan é... Como que o senhor se relacionava com ele?

**PS:** Pois é, muito melhor do que os assistentes dele, exatamente por não ter sido. Ele era um tanto – pelo menos a minha impressão – um tanto autoritário, mas isso era o próprio do catedrático, a estrutura dava isso, ele era o senhor absoluto dos seus assistentes. Se o assistente fizesse algo que ele não estivesse de acordo, ele poderia substituí-lo, sem perguntar para ninguém. Isso acabou depois – graças a Deus – com a reforma que foi feita durante o período do regime militar nos departamentos. Mas ele tinha escolhido pessoas que eu achava brilhantes. Não eram só o Fernando e o Otávio, que acho que eram os mais velhos, tinha uma série de outros assistentes, também.

E eu tive um relacionamento, surpreendentemente, muito bom, de respeito mútuo, embora eu fosse muito mais jovem, não-conhecido, etc. Mas ele gostou. Ele fez um prefácio, depois, ao livro que saiu da tese, em que ele foi extremamente elogioso a mim, etc.

Ao longo da vida, depois, nós nos encontramos muitas vezes, mas nunca fomos muito íntimos, porque nós nunca trabalhamos juntos, só nesse período em que eu trabalhei para ele. Então foram coisas mais casuais. No Partido dos Trabalhadores, ele foi deputado, a gente se viu várias vezes, sempre com muito carinho.

**DP:** Ele era um homem generoso, intelectualmente?

**PS:** Sim, muito generoso e muito agradável de trato, nunca tive nenhuma desavença com ele.



**DP:** E essa pesquisa, na verdade é muito interessante, foi a primeira vez que o senhor teve uma visão mais global do Brasil, neste sentido, do desenvolvimento regional?

**PS:** Sim, para o desenvolvimento, foi ótimo para mim, eu aprendi enormemente. Aliás, em geral, é com o trabalho que a gente faz, com os cursos que a gente dá que a gente aprende. Realmente aprendi muitíssimo. Eu estudei a história de cada uma dessas áreas do Brasil – é só assim que a gente aprende – e fiz uma interpretação histórica do seu desenvolvimento econômico.

Quando eu estudei São Paulo, que foi o primeiro, ele obviamente é o centro que unifica tudo. Ele é o centro econômico, industrial, etc. do país, e que explora, de certa forma, essa periferia maior e tal. Eu sei que foi muito importante para mim.

**DP:** E depois o senhor migrou para as questões demográficas, não é?

**PS:** Isso foi uma circunstância. Quer dizer, eu voltei à USP para fazer demografia. O convite que veio a mim – também por recomendação dos meus amigos que tinham estudado *O Capital* comigo, etc – foi com a professora Elza Berquó - queriam um economista. Era também um grupo multidisciplinar para iniciar a demografia na universidade brasileira, então eu aceitei ser o economista. Voltei, fiquei em tempo integral, pela primeira vez, na universidade e aí estudei muita demografia. Estudei já antes, ainda antes de ir para Princeton, e tive um grande professor em Princeton. Fiz um ano de pós-graduação de demografia pós-doutoral. Eu já tinha feito o doutorado na época. Até hoje demografia é uma coisa que é importante.

(pausa)

**DP:** Chega uma hora que deve ser difícil falar...

**PS:** Não, não. Para mim é bom, porque a gente só descobre que sabe quando alguém pergunta.



**DP:** É verdade.

**PS:** E faz perguntas inteligentes.

**DP:** É verdade. E a gente vai se re-posicionando em relação às coisas.

**PS:** É isso mesmo... Esse curso foi interessante...

**DP:** Do Teatro de Arena?

**PS:** Do Teatro de Arena.

**DP:** Acho que o senhor podia falar um pouquinho desse curso, então.

**PS:** Isto foi em 68, que foi um ano muito especial no mundo inteiro e no Brasil também. Estávamos em greve, as universidades brasileiras todas. No fundo, contra o regime militar, mas, vamos dizer, a bandeira era a reforma universitária, então suspendemos as aulas, os professores e os alunos. Não eram só os alunos, os professores também. E começamos a discutir o futuro da universidade. Para mim foi extremamente esclarecedor, porque era interdisciplinar, sobretudo na Faculdade de Saúde Pública, havia muito médico, toda a parte médica, que eu não conhecia. Foi extremamente interessante.

No meio dessa situação, os alunos de alguns grêmios da Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e História, com certeza, talvez mais algum, resolveram me pedir para dar um curso de economia, um curso de introdução à economia. E eu obviamente aceitei e a gente conseguiu um auditório na faculdade de economia para dar. Mas antes de começar o curso o diretor chamou a gente – porque isso foi à época do Ato Institucional número cinco, que foi em dezembro - mas foi antes. Digamos: o clima estava ficando pesado, o clima político no país. Acho que foi a época que eles prenderam todo um congresso estudantil - você lembra? - no interior de São Paulo.



**DP:** Em Ibiúna.

**PS:** Isso. Em Ibiúna.

Eu sei que o diretor cancelou. Ele disse: “Não, não quero saber”. Houve inclusive um incidente muito feio no Mackenzie, com o CCC, que era o Comando de Caça aos Comunistas. Enfim, e aí os estudantes ficaram sem local para iniciar o curso e procuraram e encontraram o Teatro de Arena, que sábados de manhã não estava sendo usado para nada, e eu aceitei e foi uma coisa muito interessante, porque, de manhã, um teatro vazio, que enche de gente. Só tinha uma luz que refletia em cima de mim, que estava no centro. Eu mal via o público. Eu nunca me vi assim. E eu estava bastante inspirado. E dei esse curso comparando basicamente três pensamentos: o neo-clássicos, os keynesianos e os marxistas, uma abordagem comparativa, sistemática dos principais temas da economia. As aulas eram gravadas e eram transcritas entre uma e outra aula. Então os alunos tinham a aula precedente já por escrito, o que facilitou fazer o livro, depois.

E eu sei que o ambiente era um ambiente muito especial. Era uma época em que estávamos em greve, era uma espécie de insurreição cívica contra a ditadura, mas nada explícita. E os debates foram muito interessantes. Eles não foram gravados. Eu só me lembro que eu ficava muito interessado no tipo de perguntas que faziam. Os estudantes vinham... Não só estudantes, também professores. Enfim, muita gente foi. Era uma coisa meio única em função do... E durou bastante. Foi um curso dado durante acho que três meses, alguma coisa assim. Acho que foram doze aulas, alguma coisa assim.

Depois acabei aposentado, alguns meses depois. E em seguida eu comecei a receber notícias de que o curso, do jeito que estava, estava sendo reproduzido. Estava sendo reproduzido em vários lugares do Brasil, e estava sendo lido e estudado, menos dois capítulos, que foram apreendidos pela polícia, quando a polícia prendeu vários dos promotores do curso – inclusive o Jobson, que era, acho, lá da História, etc. Ele que estava com a desgravação das duas últimas aulas, alguma coisa assim. Aí eu resolvi fazer um livro mesmo daquilo, embora ainda em pleno regime militar, etc. E eu acho que o livro saiu, foi em 70, 71 e até hoje ele está sendo usado.



**DP:** De introdução, não é?

**PS:** De introdução. Chama-se *Curso de Introdução à Economia Política*.

**DP:** Professor, e os seus livros, neste período, ficaram escondidos em casa, na sua casa? Teve um período em que o senhor teve que enterrá-los também?

**PS:** Não, não. O que aconteceu foi uma coisa... enfim, são coisas folclóricas, agora. A literatura que eu achava que poderia ser confiscada se houvesse uma busca na minha casa, eu acabei levando para a casa dos meus sogros. Então ficou lá, em cima de um armário, não escondido, mas ninguém estava interessado naquilo. Só que entraram ladrões. Então minha sogra perdeu as jóias e eles remexeram, evidentemente, então aquela literatura estava toda jogada no chão e a polícia foi chamada. Ficamos... “Bom, agora eu vou preso”. Mas a polícia estava interessada nos ladrões e não naqueles livros jogados. Então não aconteceu nada, foi só um susto.

**DP:** Certo... Professor, nesse período o senhor já estava muito envolvido com a militância, engajado com a atividade docente. Essa efervescência cultural que a cidade viveu durante toda a década de 60 até 68, o senhor participou das apresentações no Teatro de Arena, TBC? O senhor também tinha uma vida cultural muito intensa, apesar de tantas outras.

**PS:** Não, não muito intensa, deveria ter sido mais intensa. Mas, claramente, eu fui ao Teatro de Arena, eu assisti às principais peças que tiveram grande impacto: *Eles não usam Black-tie*, enfim. E foi isso mesmo que você falou: foi um momento em que arte, sobretudo, adquiriu uma imensa importância cultural, e era de magnífica qualidade. Não sei como é que foi... Chico Buarque, Caetano, Tom Jobim, enfim, se você olhar... como é que chama, o poetinha?

**DP:** Vinícius.



**PS:** Vinícius de Moraes. Enfim, era uma... Eu assistia mais pela televisão, na verdade - os festivais - foi muito emocionante, muito emocionante. E eles estavam ligados conosco. Havia uma espécie de comunidade no sentido de aspirar à volta da democracia, etc. Éramos... A gente se conhecia. Eu conhecia o Chico. Não intimamente, nunca chegamos a ser amigos. Mas eu me lembro: uma vez, ele era ainda estudante de arquitetura, ele cantou para nós e foi maravilhoso.

**DP:** Professor, eu iria perguntar da relação do senhor com o Delfim Neto, que eu acho que foi uma coisa que começou lá atrás, quando o senhor era aluno da Faculdade de Economia. O que, na opinião do senhor... qual a importância que ele tem para história do pensamento econômico brasileiro?

**PS:** Olha, o Delfim foi meu professor de Estatística. Ele era professor da cadeira de estatística, mas eu fiz depois um curso de pós-graduação com ele. Eu fiz pós-graduação até ser obrigado a me demitir da faculdade, isso foi em... Eu me formei em 60, em 61, e 62 eu fiz curso, e em 63 também, vários cursos. Não havia mestrado na época – já de doutoramento - e um deles eu sei que eu fiz. Foi o único curso de economia que eu fiz, com o Delfim.

Ele era realmente um homem muito inteligente e era muito bom professor. Eu aprendi muito com ele e nos tornamos, de certa forma, amigos. Amigos e inimigos, se você quiser, porque, quando eu me tornei professor, ele passou a ser uma espécie de porta-voz dos ex-alunos. Havia uma associação de ex-alunos. A faculdade, num ponto de vista, se radicalizou, ficou bem mais de esquerda e os ex-alunos, que eram mais conservadores, ele era representante. Eu sei que, a uma certa altura, arranjaram um debate entre ele e eu e acho que era sobre a reforma universitária. Eu acho que foi no contexto daquela greve de 68. Eu não estava mais na faculdade, mas, enfim...

E aí debatemos. E ele é ótimo para debater. Eu acho que eu ganhei o debate, porque eu tinha muito mais alunos que outros no auditório, nesse sentido sim. Mas foi interessante, foi bastante interessante.

Além disso, ele chegou a ser meu orientador de doutoramento. Quer dizer, eu ia fazer uma tese, antes do Florestan me dar essa oportunidade, sobre



desenvolvimento. Tinha começado a escrever um capítulo, etc. E o professor Mário Vagner, que era meu catedrático, estava na Venezuela. Aí eu escolhi o Delfim. Perguntei se ele queria me orientar, ele disse que sim.

Isso durou só uma semana, porque logo em seguida ele foi convidado a ser secretário da fazenda. E ele não quis, evidentemente, orientar alguém. Eu, quando me tornei secretário do planejamento, também não quis continuar orientando. Não dá para fazer as duas coisas, bem. Então ele me avisou, ele disse: “Olha, Singer, não conte comigo, porque eu vou agora para o governo do estado”.

Nós tínhamos relações pessoais boas. Eu acredito que isso se mantenha até hoje, embora um espaço... digamos, contatos com muito... Algum momento a gente está junto para debater alguma coisa ou algum evento em que a gente está junto, mas é bastante raro.

Eu encontrei o Delfim várias vezes na campanha presidencial de 2002. Ele era um conselheiro do Lula, eu também era.

**DP:** Que coisa curiosa...

**PS:** Então a gente... enfim, havia um grupo – grande até – acho que uns dez economistas com os quais o candidato Lula se reunia para discutir o que fazer. E eu me lembro que aí o Delfim estava também, e eu também estava e, sei lá: Belluzzo, o Coutinho, que agora está no BNDES, muita gente.

Eu sei que a gente, ainda mais recentemente – os dois velhos já – agora nos encontramos também. É isso, quer dizer, nós somos contemporâneos. Temos um trecho de nossas vidas onde a gente interagiu. Eu acho ele... Os livros dele são menos importantes do que o que ele fala... Talvez a grande atuação que ele tem na imprensa, ele escreve em vários lugares: na *Carta Capital*, etc. Ele, eu interpretaria como sendo um keynesiano, mas um keynesiano nada ortodoxo. Ele é muito culto, conhece Marx, conhece Keynes. É eclético, bem interessante o Delfim. Eu posso... Eu devo aduzir uma coisa, até por uma questão de gratidão: quando eu fui preso, eu soube que ele interveio a meu favor, dizendo que eu era uma pessoa que não precisava ficar presa, alguma coisa assim. Deve ter contribuído também para me soltarem, no final. Quando soube disso, eu mandei um telegrama agradecendo a





ele. Mas depois quando a gente se encontrou - nem ele nem eu mencionamos esse fato.

**DP:** Professor, o senhor mencionou a sua passagem pela Secretaria do Planejamento. Eu acho que é importante que o senhor fale um pouquinho como é que foi essa experiência, inclusive porque, na gestão Erundina, para nós que estamos trabalhando na cultura agora, a gestão da Erundina, no âmbito da cultura, foi um paradigma - projetos que, passados 16 anos, são projetos que ainda se colocam como referência, construção de acervo... Então eu gostaria que o senhor falasse um pouco como foi a dinâmica. O senhor chegou a escrever um livro sobre essa experiência...

**PS:** Isso. É verdade.

**DP:** Eu queria que o senhor contasse um pouquinho.

**PS:** Olha, eu fui convidado a ser secretário do planejamento, que era uma secretaria à qual a prefeita dava uma enorme importância. A prova disso é que ela tinha convidado o Plínio de Arruda Sampaio. O Plínio tinha sido o candidato que ela derrotou no referendo dentro do PT. Digamos, o grupo dominante do PT, naquele momento, preferia o Plínio. O Plínio era mais nosso. Eu votei pelo Plínio. Eu não conhecia a Luíza. Se conhecesse talvez... não sei. Os dois são muito bons. Mas de qualquer forma, eu era alguém que publicamente tinha apoiado o Plínio, etc. E o Plínio foi a quem ela escolheu. Quer dizer, não por acaso, porque o Plínio era a pessoa que, digamos, representava a parte do PT que não lhe tinha apoiado naquele momento. Ela queria unir o partido ao redor do governo dela. E ele ficou pouco tempo. Ele ficou acho que um mês, ou alguma coisa, no cargo, e preferiu ficar na Assembléia Constituinte. Ele achava importante. Ele era líder do partido. Quis ficar lá. E aí ela me convidou, eu aceitei. Entrei no lugar dele. Ainda ela não tinha tomado posse. Na verdade, esse mês que eu falei era na preparação. Havia um intervalo de dois, três meses até a gente assumir.



E eu tinha duas coisas totalmente distintas sob a minha responsabilidade. Uma, sobre a qual eu não era conhecedor, embora tivesse escrito sobre economia política da urbanização, que era exatamente toda a regulamentação urbana. Eu tinha, na verdade, na Secretaria, sobretudo arquitetos, trinta, quarenta arquitetos muito bons, a grande maioria mulheres, arquitetas. E tinha um orçamento, o orçamento era da Secretaria do Planejamento também e, como economista, a parte de orçamento era a que me atraía mais e era realmente muito mais importante. A outra era uma coisa importante, mas restrita, que era o direito de uso ao solo, gabaritos de construção e coisas assim. Eu presidia um conselho urbanístico da cidade em que estavam representados todos os setores que estão ao redor dessa legislação.

Mas o fundamental é que, como secretário do Planejamento – tendo o orçamento – eu tinha uma interferência direta com o que todo o governo fazia, em última análise. Estávamos com uma inflação fantástica. Eu participava nas negociações salariais dos funcionários que... No auge, na época do Collor e do Sarney também, eu propus – e o Amir aceitou, acho que a contra-gosto – nós dávamos aumentos quinzenais aos funcionários. Pagávamos quinzenalmente e sempre era mais do que na outra quinzena, porque a inflação era 20, 30 por cento ao mês - até transporte público, abastecimento, cultura.

Deixa eu contar um fato. A secretária de Cultura era a Marilena Chauí, quer dizer, uma grande intelectual, etc, da qual me tornei amigo, assim como do Paulo Freire, na Educação e, com todos eles, eu aprendi, porque, na medida em que eu tinha que tentar ver quanto eu podia dispor de recursos para eles, dada a limitação do orçamento, tinha que entrar no mérito. E eu me lembro que uma vez eu estava no Teatro Municipal – eu ia ao Teatro Municipal – e Marilena chegou assim: “Você viu aquele piano?”, e eu falei: “Maravilhoso!”. E eu falei sinceramente, eu tinha gostado da música. Ela disse: “Está um horror! Precisa trocar esse piano”. Ela queria o meu apoio para isso. Depois... Esse episódio tem o seguinte desfecho – eu acho engraçadíssimo: ela me convenceu, no final, que ela devia comprar outro piano. E ela sabia quanto custava, porque ela tomou o preço no comércio. Ninguém vendia para a prefeitura um piano por aquele preço. Poderia vender para qualquer um, mas para a prefeitura era três vezes mais. Daí ela desistiu.



**DP:** Porque demora para pagar.

**PS:** Porque demorava para pagar, com aquela inflação, e não podia haver correção monetária, era proibido por lei. Então é dessas loucuras.

Eu estou contando isso aqui não só para fazer graça, mas porque isso me deu uma amplidão - mais uma vez a coisa multidisciplinar. Eu não fiquei só no orçamento, eu participava inclusive das negociações, etc – muito acirradas – com o movimento popular.

Um episódio que eu achei interessantíssimo: meu nome geralmente não fica em faixas - lá estava. Nós fomos à Câmara Municipal. Foi um momento em que nossas licitações para asfaltar as ruas da periferia – nós tínhamos um enorme programa nesse período – fracassaram, porque nós queríamos que as pequenas empresas de asfaltamento pudessem participar também. Aí as grandes impugnaram. Isso vai para a justiça e aí você não faz nada. E eu sei que nós fomos convidados a ir à Câmara Municipal e aí estava lá: “Singer, cadê o nosso asfalto?”.

**DP:** Não tinha como o senhor fugir.

**PS:** Não, eu fazia isso até com convicção, até para explicar como é que as coisas são, e assim por diante.

**DP:** Mas isso foi uma marca da gestão da Erundina, não é, professor? Esse contato direto com a sociedade civil o tempo todo.

**PS:** O tempo todo.

**DP:** Na cultura, em que a gente lê os relatórios de gestão – por sinal uma das poucas gestões que deixaram relatórios tão extensos, com tantos detalhes. Enfim, eu gostaria que o senhor falasse um pouco disso: dessa dinâmica constante, seja internamente, dentro do secretariado...



**PS:** Foi isso mesmo. Quer dizer, era um governo que tentava praticar a democracia participativa, não ser repressivo. Um certo momento havia greve. Havia muita greve dos funcionários contra nós porque nós não conseguíamos acompanhar a inflação. Nós não conseguíamos pagar para os funcionários o mesmo valor real por uma razão de arrecadação. O IPTU, que era uma importante arrecadação, acontecia no começo do ano, no resto do ano só entrava o outro imposto, o imposto sobre serviços, e os repasses. Então, simplesmente, a gente pagava até onde a gente podia, mas era menos do que a inflação. Então os funcionários não aceitavam, os sindicatos não aceitavam e faziam greve. As greves eram mínimas. Na verdade, a maior parte dos funcionários ia trabalhar. Mas alguns setores paravam e prejudicavam a população.

E aí, eu me lembro, os grevistas trouxeram um caminhão de som para dentro do Ibirapuera. Fizeram aquela barulheira junto à prefeitura. E ela me chamou. E ela fez uma negociação em cima do caminhão. Eu me lembro que era tão precário o caminhão que ela resolveu ficar de joelhos. Em cima daquela estrutura, falando para os grevistas que estavam lá. E ela fez uma coisa que eu acho, até hoje, extremamente inteligente. Ela disse para os grevistas: “Olha, eu quero negociar com vocês. Agora, eu não posso gastar. Se eu der todo o aumento que vocês querem, eu tenho que cortar verba para a escola, para a merenda escolar, para a saúde, para não sei o quê, e a população é que vai sofrer. Vocês vão negociar com a população”. Ela criou um ambiente em que a direção dos grevistas e o movimento popular, com o qual nós estávamos em contato incessante, se encontrassem e discutissem mutuamente as suas necessidades e reivindicações. Eu achei uma coisa fenomenal.

E aconteceu. Efetivamente aconteceu. Eu acompanhei, eles acabaram chegando a um acordo, a população e os grevistas. Mas o fato foi interessante.

Há muitos outros fatos. No meu livro eu relato. Mas, enfim, o que a gente tentou fazer era orçamento participativo. E Porto Alegre ficou com toda a fama. No resto do mundo, orçamento participativo é Porto Alegre. Mas, na verdade, Belo Horizonte, Vitória, todo mundo tentou fazer. Era uma orientação do Partido dos Trabalhadores, mas cada um a seu modo, e nós fizemos em São Paulo e isto talvez valesse a pena revelar, aqui, melhor.



Nós tínhamos que fazer a participação ainda no projeto do orçamento, porque quem tinha a palavra final era a Câmara. E a Câmara tinha que dizer quanto nós íamos ter de dinheiro, ou seja, qual seria a arrecadação. Havia a necessidade de afixar as alíquotas do IPTU e assim por diante. Então nós queríamos, na verdade, comprometer o movimento popular com a nossa proposta orçamentária, para que eles pressionassem os vereadores a também produzir as verbas públicas que permitissem realizar aquilo. E nós fazíamos assembleias nas 31 sub-prefeituras, que na época eram administrações regionais. E eu ia a quantas eu podia, porque muitas delas eram simultâneas e aí, não poderia estar. E era muito interessante.

Eu me lembro, por exemplo, que eu ia para a periferia. Tinha muita criança. As mulheres com as crianças. Inclusive porque não tinham com quem deixar. Então havia uma zoeira – as crianças não iam ficar participando daquele debate. Mas era muito interessante ver aquela multidão toda, gente de pé, e com as bandeiras, e com exigências extremamente pontuais. Nós queremos uma creche aqui, um posto de saúde aqui, asfaltar não sei o quê, etc. Depois eu fui participar em Pinheiros, que é outro público. E aí se deu claramente uma coisa que eu não tinha nem percebido: a classe média não usa a prefeitura para nada - tráfego, eventualmente. Mas a gente põe as crianças em escola particular, usa a medicina privada. Quer dizer, para essa classe... as perguntas que vinham era praticamente indiretas. Eles queriam saber quanto a gente estava usando dos recursos para atender a população. Era uma coisa completamente diferente. Isso foi interessante. Isso foi uma das lições do orçamento participativo à moda da Luiza Erundina.

**DP:** Uma coisa também que nos chama atenção, como funcionários da Biblioteca Mário de Andrade, é que a maior compra de livros já feita, pelo que pudemos perceber, na história da Biblioteca foi na gestão...

**PS:** Eu sei, eu sei. Aí eu fui um pouco responsável.

**DP:** Então eu queria que o senhor falasse um pouquinho, porque o senhor teve que assinar o cheque.



**PS:** A discussão, dentro do governo, do orçamento, era extremamente acirrada. E em parte por uma ingenuidade de todos nós. Nós achávamos que íamos mudar a cidade em quatro anos, o que obviamente não aconteceu, mas cada secretário tinha um movimento social atrás de si. Então fomos uma das secretarias finalísticas. Cultura tinha movimentos que faziam exigências, Educação, Saúde, Abastecimento, Transporte, o que você quiser. E todos eles, os secretários, apresentavam uma proposta orçamentária para si que não tinha nada, nada, nada a ver com a realidade. O que eles faziam era o seguinte: eles se reuniam com o seu movimento e faziam um levantamento de tudo o que precisava fazer em quatro anos, eventualmente, que é muito curto. Só que eles queriam fazer naquele ano. Então o orçamento, enfim, a demanda era oito, dez vezes maior do que poderia ser. Aí havia reuniões, evidentemente, e eu dizia: “Não, você tem que tomar por base o que foi gasto antes, mesmo que vocês não tenham capacidade de gastar tudo isso. Precisa ter funcionários, precisa ter projetos”. “Não, no passado era outra coisa. Nós invertemos as prioridades, portanto...”. E ninguém queria ceder. E eu cheguei a ponto de querer me demitir, porque eu não estava encontrando o como, o jeito que se faz. O que o Jânio fazia era reunir com o seu secretário da fazenda e passar um corte: 40 por cento a menos para todo mundo. Eu me recusava a fazer isso. Para isso eu não preciso ser secretário. Eu queria era, na verdade, obter as prioridades reais e dar o dinheiro para essas prioridades, e os secretários não queriam saber disso. E eu me lembro que eles pediam: “Então você vai discutir com os professores”, isso era o Paulo Freire. Eu dizia: “Está bem, eu vou. Eu quero discutir. Eu quero encontrá-los”. Não, mais que os professores: as mães de família que estavam reivindicando, o que era muito justo.

Passei os quatro anos tentando dizer para o movimento popular: “Olha, vocês querem creche? Então muito bem. Mas vocês querem outras coisas também”. Então sejam inteligentes: não peçam o dinheiro todo só para uma coisa. Não dá para dar. Mesmo lá com os do asfalto eu fiz esse discurso para eles. Não colou muito.

**DP:** E sobre a compra de livros...



**PS:** Foi isso. Quer dizer, a Marilena Chauí, entre outras coisas, é uma magnífica oradora, uma grande comunicadora. Ela conseguir que nós retomássemos a reforma do Teatro Municipal, foi uma proeza. Porque nós tínhamos prioridade, era para a periferia, e o teatro fica aqui. Até que ela nos mostrou – e isso é verdade, porque ela não nos enganou – que o centro da cidade tinha ficado do povo. A elite tinha ido para o outro lado e todo o centro, quer dizer, a Praça da Sé, o Anhangabaú, etc, virou um lugar em que o povo vem para conviver e, portanto, fazer coisas pelo centro, era uma prioridade lógica. E ela ganhou a parada. Sem grande oposição de ninguém, ao meu ver. Inclusive essa proposta das bibliotecas. Ela foi uma grande secretária.

**DP:** Professor, na verdade agora vou pedir para o senhor... Na verdade é um convite para o senhor pensar conosco, uma pergunta que a gente sempre faz. Como a biblioteca está tentando entrar num processo de revitalização, através dessa reforma física, através de várias ações que estão sendo desenvolvidas no sentido de dar mais visibilidade ao acervo e atualizar o acervo... Como o senhor pensa e visualiza essa revitalização da instituição? O que o senhor acha que é preciso fazer, que é necessário, urgente, fazer para que ela se recoloque como uma instituição central para a cidade de São Paulo?

**PS:** Uma coisa que eu venho pensando o tempo todo é que o livro está em vias de desaparecimento por causa da internet. O papel está sendo substituído por meios eletrônicos, que são muito mais eficientes. Para começar, não ocupam espaço. Eu sou um colecionador fanático de livros e não tenho mais um lugar na minha casa para colocar livro nenhum. E hoje eu tenho uma biblioteca quase equivalente no meu computador, que não ocupa mais do que esse espaço está certo? Então, de alguma maneira, a biblioteca tem que encontrar o seu papel num mundo em que o acesso a textos se tornará cada vez mais fácil. Há toda uma luta a respeito do *software* proprietário *versus software* livre. Eu torço pelo *software* livre e é também a orientação do Governo Federal. Isso ainda vai levar algum tempo, mas cada vez mais, tanto acesso a música, a espetáculos, como a textos escritos vai se tornar fácil, para quem tiver computador, bem entendido, mas eu acho que não vai demorar



muito, todos terão, ou, se não tiverem o seu computador, terão onde estudam, onde trabalham, ou no *cyber café*, enfim...

Agora eu acho que a Biblioteca pode ter um papel muito importante, desde que não seja este tradicional que ela vai perder como... Enfim, todas as editoras estão em crise, os jornais estão perdendo circulação. E é uma coisa difícil de reverter, e eu acho que nem desejável de reverter.

Uma das coisas que poderia ser extremamente importante para a biblioteca, seria ser um centro de atividades presenciais. Porque à distância... é uma coisa que vai se dar em enorme volume, vai crescer muito ainda: os *orkuts*, as muitas redes de toda a espécie. Eu estou maravilhado, na verdade. Eu gostaria de, nesta altura, ter 18 anos. Mas eu penso – não tinha pensado antes de você fazer essa pergunta, não é uma coisa bem pensada – mas eu diria que poderia ser um centro em que as pessoas que estão em diferentes atividades culturais se pudessem encontrar. Sobretudo interdisciplinar: os músicos com os teatrólogos, os teatrólogos com os físicos. Eu acho que dá para fazer coisas interessantíssimas.

E poderia, pelo mesmo lado, para fins históricos, manter o seu grande acervo. Isso eu trataria com redobrado cuidado e carinho, porque ele pode desaparecer e não sobrar nada. Talvez uma das coisas que a biblioteca pudesse fazer seria, para preservar, copiar o seu acervo em meios eletrônicos. Fica mais protegido não é? Não tem inseto.

**DP:** Professor, o senhor chegou a ser pesquisador das cabines de pesquisa da biblioteca?

**PS:** Não, aqui não. Nunca. Eu era muito criança ainda quando estava nessa fase.

**DP:** Ela durou um pouco. Até um pouco mais para frente.

**PS:** Não, eu sei que havia as cabines. Mas aí nesta altura eu já estava usando a universidade. A biblioteca de economia da USP é muito boa. Aí me tornei muito usuário – até hoje sou – dessa biblioteca.





**DP:** E a biblioteca lá da USP, lá da FEA<sup>7</sup>, se formou desde que o curso se estruturou?

**PS:** Isso. Era uma biblioteca formada nos anos 40, que é quando se criou o curso de economia. E havia gente muito boa e acho que havia recursos também. É uma biblioteca muito completa. Maurício Tragtenberg usou enormemente essa biblioteca da Faculdade de Economia e Administração, porque era muito boa. E até hoje é. Também ela vai ter que dar um jeito de se adaptar à nova tecnologia e a esse novo meio de comunicação.

**DP:** Falando na Faculdade de Economia, porque, em todos os depoimentos que o senhor deu, nas entrevistas, o senhor é muito entusiasta da FEA, o senhor acha que é um ambiente bastante pluralista, bastante arejado. Eu gostaria de saber o que o senhor acha hoje do curso, da formação dos alunos, desses jovens economistas. O senhor continua dando aula, orientando?

**PS:** Não. Eu fiz a mesma coisa que quando fui para o governo da cidade. Eu suspendi minhas atividades. Mas eu já estava aposentado. Eu fui aposentado duas vezes contra minha vontade, uma vez por motivos políticos e outra, por motivos de idade, demográficos. Cheguei aos 70 anos: fim de papo, mas eu posso dar aula. Desde que o meu departamento concorde, eu posso dar cursos lá. Eu pretendo dar cursos lá quando sair do governo.

Agora, eu sei muito pouco dos cursos que estão sendo dados. Eu estou fora fisicamente da universidade, mas estou sendo convidado por professores e alunos a dar formação, sobretudo em economia solidária. Então, no ano de 2006, eu dei um curso na Faculdade de Educação sobre exatamente aquele curso no Teatro de Arena. Foram eles que fizeram isso, eu não tive nenhuma responsabilidade. “Nós queríamos que o senhor desse o curso de introdução à economia política, 38 anos depois”. E foi muito emocionante. Foi uma grande idéia. Eu na verdade discuti o que mudou nestes últimos 38 anos e o que quanto às coisas que eu escrevi lá e já não

---

<sup>7</sup> Faculdade de Economia e Administração.



acredito mais. E outras coisas, pelo contrário, eu acho que sim. Foi uma revisão que eu consegui fazer.

E agora, hoje à tarde, eu vou para a Universidade, na incubadora de cooperativas populares da USP. Eles me convidaram para discutir um livro que eu escrevi há dez anos atrás chamado *Utopia Militante - repensando o socialismo*, que, para a economia solidária, parece ter um significado bastante importante, sobretudo para quem tem interesse histórico, etc. Então na semana passada eu tive que cancelar aqui para poder iniciar a formação, e hoje à tarde eu vou continuar. Isso vai provavelmente – o livro não é muito grande – mas vai ser uma atividade para alguns meses, a cada 15 dias.

**DP:** Então, essa experiência que o senhor está tendo desde 2002 na Secretaria de Economia Solidária parece muito interessante e eu gostaria que o senhor contasse um pouco, inclusive das iniciativas bem sucedidas, em termos de empreendimentos que estão sendo desenvolvidos a partir da filosofia da economia solidária.

**PS:** Olha, a economia solidária é uma atividade econômica. É levar a democracia para dentro do empreendimento econômico. São empreendimentos coletivos. Todos que trabalham são proprietários por igual do capital do empreendimento e tem o mesmo poder de voto nas decisões que são tomadas, é a chamada auto-gestão, e isto está se multiplicando fortemente no Brasil, em parte, eu diria, por causa da igreja. A igreja assumiu isto gradativamente desde a década de 80, mas os sindicatos também assumiram e as universidades assumiram. Têm incubadoras hoje em 80 universidades brasileiras.

Então quando o PT coloca isso no seu programa – e aí eu acho que eu tive uma certa influência – e depois ganha uma presidência nacional da república, e depois se cria a secretaria nacional de economia solidária, já era um movimento em plena expansão. Já havia muita economia solidária no Brasil, mas explodiu. Eu acho que hoje o Brasil deve ser um dos países em que tem mais, inclusive porque nós estamos incorporando as chamadas comunidades tradicionais na economia solidária. Elas vêm porque querem, os indígenas, os quilombolas, os pescadores, as quebradeiras de coco e tantos mais. Então nós estamos fazendo um mapeamento.



Nós estamos competindo com o IBGE. Mas falando sério, agora, nós estamos fazendo um levantamento completo de toda a economia solidária num país enorme como é o Brasil de uma forma descentralizada e participativa. Em cada estado tem um comitê que cuida disso. Então nós temos uma idéia razoável do que está acontecendo. Em 2007 tínhamos 22.000 empreendimentos no país inteiro, no qual trabalhavam 1.750.000 pessoas. Isso é muito interessante. A maior parte é rural. Têm mais homens que mulheres e isso é um espanto, porque nas cidades tem muito mais mulher do que homem, e há uma variedade imensa. Tem enormes empresas que se transformaram em cooperativas porque entraram em crise - são umas 150. São auto-gestionárias e que representam a elite da economia solidária. Estas 150 geram mais recursos do que as outras 21.000 e não sei quantas juntas, porque a grande maioria é muito pobre. E, digamos, a maior parte da sua produção é de subsistência, para eles poderem sobreviver. Então a parte monetária é relativamente limitada.

É um pedaço do país hoje não pequeno, não insignificante mais, ganha o reconhecimento crescente do mundo político. Temos uma rede de gestores de economia solidária em que há 87 governos representados, 14 governos de estados e os outros 73, de municípios. Existe um fórum brasileiro de economia solidária que reúne praticamente todas as entidades. E a gente conseguiu finalmente fazer funcionar o conselho nacional de economia solidária em que o governo está representado por 13 ministérios e três bancos públicos. Está muito interessante, porque nós estamos criando uma situação, nós estamos mudando um pouco o país - e de baixo para cima, por iniciativa das pessoas. As populações tradicionais têm os valores da economia solidária, tradicionalmente. Eles precisam atualizar, quer dizer, entrar em sintonia com essa economia solidária muito mais recente, dos anos 90 para cá. Mas isto é um processo bonito. Não é um processo antagônico, é um processo de aprendizado, de aprendizado mútuo, de modo que eu poderia falar horas sobre isso, mas acho que não é o caso aqui, pelo menos...

**DP:** Professor, e o senhor que – eu acho que tem a ver com isso – o senhor está testemunhando que há uma mudança significativa de baixo no Brasil hoje... o senhor que já vivenciou vários períodos interessantes da história política brasileira, qual foi



o momento em que o senhor foi mais otimista em relação às mudanças? É o presente, o senhor acha?

**PS:** Eu acho que sim. Eu ia dizer para você: o momento é dia 29 de fevereiro de 2008. Mas devo ser franco: eu tenho esse viés – eu geralmente, quando entro numa discussão, eu aviso logo: “Olha, eu tendo a ser otimista”. Para mim, o copo de água meio cheio está enchendo, não está esvaziando. Eu reconheço, mas eu não consigo ser diferente do que eu sou. E o mais animador para mim é que, na maior parte das vezes, eu tive razão: as coisas acabaram saindo melhores.

Eu não vejo a história de uma maneira pessimista. É interessante isso, porque a esquerda está em crise no mundo inteiro e no Brasil também e uma boa parte dos meus amigos, amigos que eu prezo, estão num pessimismo muito grande. E eu não posso dizer que eles não devam ser, porque não é a sua vontade. Você é o que você é. Se você está achando que o mundo vai para a garra, que nós vamos acabar com a humanidade porque não vai parar de poluir etc, não há raciocínio que te faça mudar o sentimento, mas ele é paralisante. Se você está assim, a única coisa que você pode fazer é assistir isso com lágrimas nos olhos, mas o otimismo te leva à ação. Então eu tive essa sorte de estar do lado dos que acreditam.

**DP:** Com relação à sua geração, que é uma geração que tomou alguns caminhos distintos em termos de atuação, em termos ideológicos, o senhor acha que vocês ainda partilham... porque vocês construíram esse conhecimento de uma maneira muito coletiva, o que é bastante interessante e talvez um privilégio da sua geração, não da nossa e da deles, aqui, mais jovens. O senhor acha que há ainda uma comunhão? A maneira de ver o mundo, algumas coisas que são comuns a esse grupo que se constituiu e que foi tão aguerrido?

**PS:** Não. Quer dizer, há muita coisa comum, sim. Mas não o que era antes. Houve uma ruptura eu diria que muito profunda quando o Fernando Henrique foi para a presidência da república e o Lula fez uma coisa semelhante. Quer dizer, os dois foram para a direita. Só que o Fernando foi muito mais para a direita do que o Lula e isso está evidente hoje nas contra-posições entre o PT e o PSDB. E a



intelectualidade que foi de esquerda se dividiu também. Minha própria esposa é tucana. Quer dizer, eu continuo com ela muito feliz e a gente tem um lar bi-partidário há muitos anos já, isso vem de antes. Mas, de alguma maneira, isso que você falou... Está dividido hoje. Há diálogo, evidentemente. Eu me considero amigo do Fernando Henrique, não tenho nenhuma ruptura pessoal com ele. Acho que ele fez o que fez porque acreditou no que devia fazer. Não atribuo a ele nenhuma motivação indigna, antes pelo contrário. Acho que ele pensa de mim a mesma coisa. Mas a vida nos levou a posições bastante diferentes e antagônicas. E isso, digamos, do jeito que eu vejo, dividiu essa grande intelectualidade que se formou principalmente na resistência ao regime militar, vinte e tantos anos. E eu acredito que o próprio Fernando se considera de esquerda. Eu acho que ele está errado, mas devo respeitar a autoidentidade dele, que ele se atribui. É o direito que ele tem.

**DP:** Professor, com relação à economia solidária, eu estava lendo um evento que o senhor participou no SESC, parece que foi também bastante interessante. Teve várias perguntas do público e que, na ocasião, isso foi em 2001, o senhor coloca a necessidade da criação de escolas de formação para a compreensão da filosofia da economia solidária. De lá para cá isso aconteceu? Essas escolas existem?

**PS:** Não. Escolas propriamente não. A própria secretaria nacional de economia solidária faz uma intensa atividade de formação. Nós começamos dando formação aos próprios funcionários do governo federal, porque havia muito pouco conhecimento sobre economia solidária. Fizemos isso vários anos. Eu dei aula junto com muita gente, mais da secretaria. E o resultado hoje é de que esses 13 ministérios que estão no conselho nacional de economia solidária fazem política de economia solidária. Quer dizer, teve um efeito grande, inclusive as delegacias regionais do trabalho, que agora se chamam superintendências, têm, cada uma delas, um setor de economia solidária e isso tem sido muito importante.

Agora, o que a gente está tentando é conseguir cursos de economia em nível universitário, para formar profissionais que estão em demanda hoje. Os alunos que passam nas incubadoras, pelo menos na da USP, 80 por cento se profissionaliza na economia solidária. Eles deixam a incubadora porque ela não tem dinheiro para



pagar salários de pessoas que se formaram. Elas vão para outras entidades que têm e que precisam deles. Por outro lado, nós temos um acordo com o Ministério da Educação e, no currículo da chamada educação de jovens e adultos, que vai desde a alfabetização até o curso médio, há economia solidária. Esse foi um acordo com o MEC e que está sendo desenvolvido. Existem vários programas em conjunto com o MEC em que a economia solidária é uma matéria, ou enfim... Escolas, propriamente, de economia solidária, ainda não temos e nem sei se é necessário ter. Eu acho que é preciso *inserir* a economia solidária dentro do ensino, com a importância que se atribua a ele.

**DP:** Professor, para encerrar, eu gostaria de fazer uma pergunta bem prosaica para o senhor - quais são os livros que o senhor relê, que são os seus clássicos e os livros que o senhor descobriu agora, no presente? Qual que é a sua literatura do momento?

**PS:** A do momento?

**DP:** A do momento e esses livros a que sempre o senhor recorre de uma certa forma, que têm uma função...

**PS:** Olha, os livros que eu uso, digamos, constantemente, são os livros hoje... Quer dizer, economia solidária hoje não é a única, mas é o meu principal objeto de trabalho e também de pensamento. Eu continuo escrevendo, na medida em que eu posso. E aí tem uma série de clássicos. Owen, por exemplo, é um clássico, Fourier, Proudhon. Eu nunca tinha lido antes. Eu tinha lido Proudhon através do Marx, através da *Miséria da Filosofia*, o que é uma tremenda injustiça. Foram os alunos que me chamaram atenção: "Professor, por que é que o senhor não dá um seminário sobre o Proudhon?". Aí fui lê-lo e, de fato, ele é muito interessante.

Agora, um autor que eu estou esperando ter tempo de ler e que eu acho que ele é fundamental é o Piotr Kropotkin, que é um grande autor anarquista, príncipe da aristocracia russa que se tornou anarquista. Ele escreveu, na virada no século XIX para o século XX, um livro chamado *Ajuda Mútua*, que não tem em português e é



difícilimo encontrar. Nas grandes *Amazon* da vida não tem. Num dia de chuva, eu não tinha o que fazer em Nova Iorque, eu entrei num edifício – isso é literalmente verdade – e descobri que eu estava na biblioteca pública de Nova Iorque. E estava chovendo, eu não tinha o que fazer. Então eu entrei lá, encontrei esse livro do Kropotkin e o xeroquei. Passei duas horas ali xerocando o livro. Ele está guardadinho. Li pedaços dele, mas ele possivelmente será um clássico.

**DP:** E literatura, o que o senhor lê, professor?

**PS:** Nada. Pouco, muito pouco.

**DP:** Não dá tempo?

**PS:** Falta de tempo. Eu continuo achando agradabilíssimo quando leio, mas eu tenho uma coleção enorme de livros que eu preciso ler, eu quero ler, e não consigo. Há anos já que eu leio um por cento da literatura que eu gostaria.

**DP:** Então, está bom, professor. Agradeço muitíssimo em nome da Biblioteca pela sua gentileza, pelas suas partilhas aqui dessas histórias todas. Muito obrigada.

**PS:** Posso dizer alguma coisa?

**DP:** Pode, por favor.

**PS:** Eu queria agradecer da mesma forma. Eu acho que esse diálogo foi extremamente agradável, mais que agradável, importante para mim. As suas perguntas me fizeram pensar.

**DP:** Que bom. Muito obrigada.

**PS:** Saí um pouco mais inteligente. Obrigado.



**DP:** Mais do que o senhor é? Obrigada, muito obrigada.

